



Apresentação

Construção. Essa palavra esteve no nosso vocabulário em 2019. Na ocasião, tivemos a honra de construir juntos o primeiro *Encontro de História da Arte e Patrimônio*, promovido pelo nosso *Centro de Estudos e Pesquisas em História da Arte e Patrimônio da Universidade Federal de São João del-Rei*, o *CEPHAP*. Construímos pontes, criamos contatos e tecemos diálogos entre alunos, pesquisadores associados e comunidade acadêmica interna e externa em torno de um tema comum: a arte e o patrimônio do Campo das Vertentes e Sul de Minas.

7

Longe de buscar uma segregação geográfica, viemos propor a construção das bases para uma relação dialógica acerca dos temas da arte e do patrimônio nessa região que, até o presente momento, à exceção do olhar para os grandes monumentos, ainda se encontra desprovida de uma atenção mais generosa por parte da academia. Nosso intuito, sem reservas, foi brilhantemente alcançado.

Em conjunto com outras regiões de Minas Gerais, assim como do Brasil, reunimos uma diversidade de temas, abordagens, fontes e metodologias que nos permitiram dialogar a propósito da História da Arte, com especial enfoque sobre a nossa eclética São João del-Rei e seu rico e pouco conhecido entorno. Pudemos discutir e [re]conhecer o vasto patrimônio material e imaterial dessa região, dirigindo o nosso olhar para os agentes contemporâneos que tornam vivas, circulantes e pulsantes as expressões culturais com que travamos contato.

Além disso, tivemos a oportunidade de conhecer pessoas, trocar experiências e firmar parcerias no âmbito das questões da História da Arte e do Patrimônio. Num momento histórico crítico para a cultura, a arte e a educação neste país, tivemos a oportunidade de proporcionar um debate acadêmico que uniu tradição e inovação.

Ouvimos a tradição, personalizada na presença da Profa. Myriam Ribeiro e de Olinto Rodrigues, dois dos mais significativos colaboradores da área em Minas Gerais e no Brasil. Tivemos também a oportunidade de ouvir os pesquisadores herdeiros dessa tradição acadêmica que, corroborando ou desconstruindo velhas teses, são parte ativa do imenso avanço que a história da arte brasileira realizou na última década. E, na ponta dessa genealogia acadêmica, recebemos os novos pesquisadores, com abordagens as mais variadas, ressaltando diferentes (e novos) modos de ver, compreender e questionar os caminhos da disciplina que Vasari nos legou.

Parte desse panorama, ocorrido no nosso primeiro encontro em São João del-Rei, encontra-se materializado nesta primeira edição da *ROCALHA*, a *Revista do Centro de Estudos e Pesquisas em História da Arte e Patrimônio da UFSJ*. O tema do encontro, aqui contemplado, é visualmente evocado pelo detalhe da portada da Igreja de Nossa Senhora do Carmo de São João del-Rei. Em anos bem recentes, um triste episódio envolvendo essa portada levou à destruição de um de seus anjos esculpido, gerando um embate que despertou humores acirrados dentro e fora da comunidade acadêmica. Ora direcionada contra o estudante responsável pelo ato, ora a favor do desmantelamento do patrimônio em vista das nuances históricas carregadas pelo monumento depredado, a polêmica evidenciou a necessidade da construção do diálogo entre universidade e comunidade, do diálogo em torno do objeto artístico, dos ímpetos iconoclastas e da salvaguarda do patrimônio. Por isso, a portada nos remete ao tema da construção, pois construir (nos tempos atuais) demanda uma coragem e tenacidade sem precedentes. Nesse sentido, enfrentamos a responsabilidade de dialogar e de [re]construir.

Compilados, editados e publicados neste ano atípico, de mudanças e adaptações, esperamos que os textos publicados nesta primeira edição da *ROCALHA* atinjam o seu intuito primeiro: trazer à luz não necessariamente novos temas, novas abordagens,

novos dados, novas problematizações, novas formas de ver, mas *outros* temas, *outras* abordagens, *outras* problematizações, *outras* formas de ver. Se é para construir que viemos, desejamos que os artigos aqui veiculados possam ajudar a pavimentar o conhecido caminho que vai da tradição à inovação, mas sobretudo a abrir a necessária trilha em direção à *alteridade*.

Por fim, uma palavra sobre o nome da revista. A rocalha (do francês *rocaille*), elemento do vocabulário ornamental europeu surgido na França setecentista, é uma concha de contorno irregular, assimétrico, recortado e curvilíneo: símbolo, por definição, do vibrante estilo Rococó. Desembarcado na América portuguesa, esse ornamento encontrou grande representabilidade na talha e pintura das igrejas de Minas Gerais, alcançando formas plenas de beleza e originalidade através do talento dos artistas de várias cores e procedências que aqui trabalharam. Da inicialmente pretendida *Rocaille* à Rocalha, abrasileirando assim a coisa francesa (e parafraseando aqui Mario de Andrade), a opção pela grafia em português sinaliza o entendimento das apropriações mais que integradas, já transformadas e ressignificadas. Em tempos líquidos e, portanto, sem forma, a palavra rocalha para nós simboliza a circularidade e a ductilidade de ideias e formas – sugerindo ainda a liberdade associada à organicidade das coisas – enquanto sua raiz etimológica evoca a solidez e a perenidade da rocha, que resiste. Hoje, quando a universidade pública brasileira vem sendo deliberadamente sucateada e vivemos a experiência de uma pandemia global que não deixa entrever no horizonte senão incertezas, o lançamento deste volume surge ele próprio como um gesto simbólico e singelo de resistência.

Leticia Martins de Andrade
Lucas Rodrigues

CEPHAP - UFSJ